

**Mídia alternativa brasileira:  
voz às minorias no ciberespaço**

**Brazilian alternative media:  
voice to minorities in cyberspace**

Liz Vieira RODRIGUES<sup>1</sup>  
Luísa Guimarães LIMA<sup>2</sup>

**Resumo**

O presente artigo faz parte da pesquisa de iniciação científica que busca compreender o estabelecimento da mídia independente no jornalismo brasileiro. Esta investigação se concentrou na experiência do coletivo de jornalistas Mídia Ninja a fim de analisar publicações do grupo na rede social Instagram. Discutiu-se as ações do grupo a partir do conceito de hegemonia, tentando entender o papel em um novo cenário da mídia alternativa brasileira.

**Palavras-chave**

Imprensa alternativa; hegemonia; minoria; midiativismo; ciberespaço, ciberativismo.

**Abstract**

This article is part of a scientific research that brings the establishment of independent media vehicles in Brazilian journalism. This research focus on the experience of the journalist group Midia Ninja in order to analyze publications on Instagram, an image-based social network. The group's actions were debated based on the dominant type of media (mass media), trying to understand Midia Ninja's position over the scenario of the Brazilian alternative media nowadays.

**Keywords**

Alternative Press; hegemony; minority; media activism; cyberspace; cyberactivism.

**1. Introdução**

---

<sup>1</sup> Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Iesb, e-mail: [lizvieirar@gmail.com](mailto:lizvieirar@gmail.com)

<sup>2</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo do Centro Universitário Iesb, e-mail: [luisaglima@hotmail.com](mailto:luisaglima@hotmail.com)

A intitulação de expressões comunicacionais que estão fora do núcleo central de veículos convencionais e hegemônicos<sup>3</sup>, integrantes de grandes redes, encontra divergências pela multiplicidade de conceituação. A dificuldade de caracterizar o que é alternativo se torna ainda maior em meio a todas as possibilidades ocasionadas pelas novas mídias. Novos formatos surgem, mas a imprensa alternativa apresenta um conteúdo contestatório que é fundamental.

A contraposição a sistemas estabelecidos não é novidade do século XXI. Atitudes contraculturais que rejeitam, questionam e negam as estruturas midiáticas dominantes caracterizam um movimento iniciado em meados dos anos 60 com a criação do termo “contracultura”, inventado pela imprensa americana.

Este termo dava nome a um conjunto de manifestações culturais novas que estavam surgindo tanto nos Estados Unidos quanto Europa e em menor escala, no Brasil. No país, a expressão “imprensa alternativa” foi utilizada pela primeira vez pelo jornalista Alberto Dines em 1976. “A coluna mantida por Dines criticava semanalmente a cobertura da mídia e chamava-se “Jornal de Jornais” na Folha de São Paulo” (KUCINSKY, 1992, p. 15).

Durante os anos 70, circularam no Brasil inúmeros jornais conhecidos como tablóides, que se caracterizavam pela oposição ao regime militar, ao modelo econômico, à violação dos direitos humanos e à censura. “Essas publicações ficaram conhecidas como imprensa alternativa, de leitor, nanica, independente ou *underground*” (STRELOW, 2008, p. 1). Este movimento de circulação foi notado em outros momentos da história política e social do Brasil, entretanto, neste período, veículos como *O Pasquim*, *Opinião*, *Brasil Mulher*, *Em Tempo* e *Versos* atuaram com maior intensidade e deixaram marcos na memória da imprensa alternativa brasileira. Ainda assim, “consideramos que novos contextos demandam novas práticas e, por isso, faz-se necessário ter a clareza que o “alternativo”, na contemporaneidade, ganha contornos diferenciados dos observados nas décadas passadas” (PARENTE, 2014, p. 2).

As manifestações de comunicação alternativa ou popular ocorrem no centro de lutas populares. Apesar de a internet estar se tornando mais acessível a cada dia e sendo utilizada

---

<sup>3</sup> O termo hegemonia deriva do verbo grego *eghemonieuo* e compreende-se por um termo militar designado a direção do exército ou para designar uma supremacia de uma cidade frente às demais. “A ideia de hegemonia alcança a modernidade com o entendimento de dominação por o consentimento e aceitação do dominado” (PAIVA, 2001, p. 1). A partir dessa noção é possível compreender as estruturas de dependência entre opressor e oprimido ou dominante e dominado.

---

como instrumento de contraposição, ela infelizmente não possui o mesmo alcance que os grandes conglomerados da comunicação como a TV Globo, por exemplo.

Mesmo ganhando destaque atualmente, o processo de fortalecimento da internet como forma de comunicação foi iniciado em 1984. Neste ano, o ciberespaço é inventado como “território virtual de trocas, ação coletiva e produção comum de linguagens (...) ambientes virtuais comunitários e participativos dos grupos de discussões” (MALINI; AUTOUN, 2013, p. 20).

Usando este contexto, o presente artigo analisará como a mídia alternativa atual está se estabelecendo no Brasil. Essa discussão é imprescindível no momento atual em que as minorias não possuem voz à altura dos meios de comunicação de massa e o padrão dominante é determinante na estrutura social. “Dentre as características da atualidade a existência da mídia tem sido a variável que mais influencia a estrutura social de maneira mais definitiva” (PAIVA, 2001, p. 2). Alguns teóricos como Muniz Sodré e Cicilia Peruzzo definem que a sociedade contemporânea é altamente midiaticizada e com isso, todas as atividades e relações das pessoas são modificadas. É pelo fato de muitas delas terem o direito à comunicação e à informação negado que novas formas comunicacionais estão emergindo e colaborando para que estes direitos sejam assegurados e se tornem acessíveis às variadas camadas sociais.

O coletivo de jornalistas que será estudado é o Mídia Ninja. Este é um grupo de mídia autodeclarado alternativa aos meios hegemônicos, criado em 2011 na cidade de São Paulo. Ganhou notoriedade local e internacional ao transmitir os protestos acontecidos em 2013 no Brasil ao vivo.

A estrutura adotada pelo coletivo é desconhecida, mas as postagens feitas no Instagram do grupo mostram que a capilaridade está presente. Por este motivo será analisado o conteúdo das postagens bem como gênero jornalístico, fontes e editoria. A análise dos comentários também será feita, pois este local serve como ponto de encontro para discussão entre seguidores da página. Uma semana estruturada<sup>4</sup> foi examinada e ponderada e seus resultados serão conhecidos neste artigo.

Estudar o conceito de mídia alternativa no Brasil e seus desdobramentos atualmente requer métodos que desvendem esse fenômeno e novo formato de “fazer jornalismo”. Este trabalho utilizará também a pesquisa bibliográfica, que será usada como forma de identificação

do tema e seus desenrolares. De maneira estruturada, faremos a pesquisa bibliográfica respeitando os princípios definidos por Ida Stumpf em “Métodos e Técnicas da Pesquisa em Comunicação, 2006”.

## **2. Imprensa alternativa: cidadania e ciberespaço**

A nova imprensa alternativa compreende-se por uma experiência “espontânea” no sentido de ser natural, simples e instintiva. Mais que ser contracultural na acepção de ser diferente e marginal, a imprensa alternativa de hoje quer ser opositora e bater de frente com os conglomerados. Atualmente ela se caracteriza predominantemente pela confrontação à estrutura monopolizada da grande mídia.

Portanto, o alternativo é tudo que se contrapõe aos modelos convencionais, hegemônicos ou dominantes e independe de “lados políticos”<sup>4</sup>. A nova geração alternativa levanta a voz das minorias.

Diferentemente do surto alternativo das décadas de 60 e 70, não há enfrentamento à censura militar, mas particularmente ao cerco do grande capital, que sufoca vozes divergentes e mercantiliza a atividade jornalística (...) Os alternativos são comprometidos com valores de dimensão humana e de cidadania em detrimento do aspecto financeiro e capitalista (SANTOS, 2013, p. 14-16).

Paiva (2001) defende que a noção de minoria vem do conceito qualitativo de posição marcada no interior do campo de luta pela hegemonia, isto é, pela dominação consensual. Entretanto, Muniz Sodré (2005) complementa e define esses grupos como conjuntos de pessoas que não têm o direito à voz no espaço tradicional. São mulheres, negros, homossexuais tidos como minoria, mas que no momento emergem contra-hegemonicamente. Estas pessoas encontram na imprensa alternativa espaço para expressar opiniões e reivindicações e é nesse mesmo momento que surge o midiativismo no ciberespaço.

Com o estabelecimento da internet e a democratização deste local, o alternativo encontra finalmente espaço para se proliferar. Mais forte que jornais liberais e abolicionistas

---

<sup>4</sup> A imprensa alternativa altera o lado político de acordo com as conjunturas do país, assim, uma hora ela é de direita e em outra, de esquerda. Em “Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais”, John D. H. Dowling lembra que já existiu mídia radical a favor da repressão.

---

contrários à Monarquia Portuguesa no século XIX e mais resistente que os periódicos surgidos durante a ditadura militar, que sumiram com o fim do regime; no século XXI, a imprensa alternativa encontra novas possibilidades multimídias. Reafirmamos e ressaltamos aqui a necessidade de:

Reposicionar e analisar as conexões entre o mundo digital e analógico, as redes digitais e a multidão nas ruas, a linha que conecta a contracultura (...) a cultura digital, o ativismo *hacker*, as narrativas midialivristas (BENTES, 2013, p.3).

A produção jornalística para a internet pode não ter gerado grandes alterações para o jornalismo convencional, entretanto houve mudanças consideráveis na estrutura da prática produtiva. Hoje em dia qualquer um pode atuar como se fosse um jornalista. A interatividade e a onipresença dos dispositivos móveis são características preponderantes desde momento recente. “Assim, tem-se uma prática que mantém o princípio jornalístico de difundir informação, porém sob uma nova dimensão tanto em relação aos conteúdos, como ao tempo, ao espaço e à forma” (BOSSATO, 2017, p. 39). E assim o movimento ganha forças já que “qualquer um” pode tornar-se produtor de notícias em tempo real e a militância online busca exatamente estes mesmos preceitos: a disseminação de ideias e as interações. É como um exercício de cidadania.

Uma nova direção que nada contra a correnteza, não depende apenas da força que o poder oferece e sim, de estratégias e ações que modifiquem de fato mentalidades e valores. O auxílio e apoio do povo como curador de conteúdo fortalece toda uma superestrutura.

A superestrutura é advinda de uma teoria do filósofo Karl Marx. Segundo Marx (2011, p. 68), a superestrutura compreende-se pelas às formas de consciência social em geral como a política, cultura, religião e etc. Ela também abrange os modos de pensar e visões de mundo que compõem ideologias de uma classe. Essas ideologias são chamadas de superestrutura ideológica e ela é um nível de formação social. O produto analisado interfere na superestrutura doravante o momento em que a infraestrutura, parte que interfere na superestrutura, está com forças e relações de produção dissociadas. A força de produção do produto desenvolvido pela mídia alternativa requer apenas que as pessoas estejam nas ruas, logo, não interfere nas relações de produção.

Para Gramsci:

---

Toda revolução foi precedida por um intenso e continuado trabalho de crítica, de penetração cultural, de impregnação de idéias em agregados de homens que eram inicialmente refratários e que só pensavam em resolver por si mesmos, dia a dia, hora a hora, seus próprios problemas econômicos e políticos, sem vínculos de solidariedade com os que se encontravam na mesma situação (GRAMSCI, 2004, apud MORAES, 2010, p. 56).

### 3. Resultados

O modelo predominante de fazer jornalismo e disseminar informações não consegue mais atingir grande parte da população, então novos modelos estão sendo utilizados como as publicações no Instagram. Este novo cenário possibilita a participação dos próprios receptores da mensagem. Cicilia Peruzzo exemplifica:

(...) surgem novos jornais, vídeos, webrádios, home pages, fotologs, videologs, poscasts, e-zines, revistas etc. Agências alternativas de notícia são criadas; produtos editoriais dessa natureza assumem formatos impresso, audiovisual e *on-line*; cresce o número de Observatórios de Mídia e da Comunicação que monitoram a mídia; surgem Coletivos de Comunicação como o Centro de Mídia Independente (CMI); novos canais de comunicação como os websites colaborativos e outras formas de redes sociais são criados e os weblogs se proliferam. (PERUZZO, 2009, p.137)

A explosão participativa provocada pela web 2.0 se deve em grande parte aos sites de redes sociais. Esse “modelo” de web permite que a internet se torne um lugar capaz de revolucionar vários âmbitos como o da publicidade ou do marketing.

O Instagram é hoje uma das redes sociais mais populares do mundo. Com mais de 300 milhões de usuários, um perfil com 174 mil seguidores pode atingir de fato em torno de 2 mil pessoas a cada publicação. O perfil analisado como já citamos é do coletivo “Mídia Ninja”.

O Mídia Ninja faz cerca de três a cinco publicações por dia, número que pode variar de acordo com o dia e com a conjuntura. Dias com votações importantes no Congresso Nacional ou grandes eventos, como a parada LGBT, acabam movimentando mais a página e contabilizando mais de 10 posts por dia.

A aba de comentários é sem dúvidas ponto de encontro entre seguidores visto que a cada publicação, há pelo menos dois comentários que se conectam. Essas conexões nem sempre

são estabelecidas entre pessoas que seguem a página. Há alguns usuários do Instagram que utilizam deste espaço para se manifestarem contrários aos posicionamentos do Mídia Ninja. Tanto conversas civilizadas quanto discussões acaloradas podem ser encontrados ao explorar o Mídia Ninja na rede social. Esse cruzamento acontece no momento em que duas pessoas desconhecidas se conectam por meio de uma única postagem no Instagram do Mídia Ninja, por meio de um comentário respondido por um dos desconhecidos.

Na semana estruturada que foi analisada, durante quatro dias, houve mais de cinco publicações: segunda-feira, 06 de novembro, 13 posts alcançaram mais de 15 mil curtidas; terça-feira, 31 de outubro, marcha dos sem teto em São Bernardo do Campo contabilizou mais de 47 mil interações; quarta-feira, 25 de outubro, 46 mil curtidas, dia em que a segunda denúncia contra o presidente Michel Temer foi arquivada e por fim, quinta-feira, 19 de outubro com mais de 27 mil curtidas advindas da cobertura das manifestações contra à censura que ocorreram no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp).

Os resultados totais trouxeram números consideráveis. Em seis dias de análise o Instagram do Mídia Ninja conseguiu movimentar 80.826 curtidas e 3.426 comentários em 73 posts. Os gêneros mais presentes são o informativo e opinativo. A imprensa alternativa, do grupo supracitado não fica para trás em termos de cobertura em comparação com grandes redes. É possível concluir, portanto, que o Mídia Ninja possui alcance indiscutível. A difusão de conteúdos assim como o relacionamento com o público está presente.

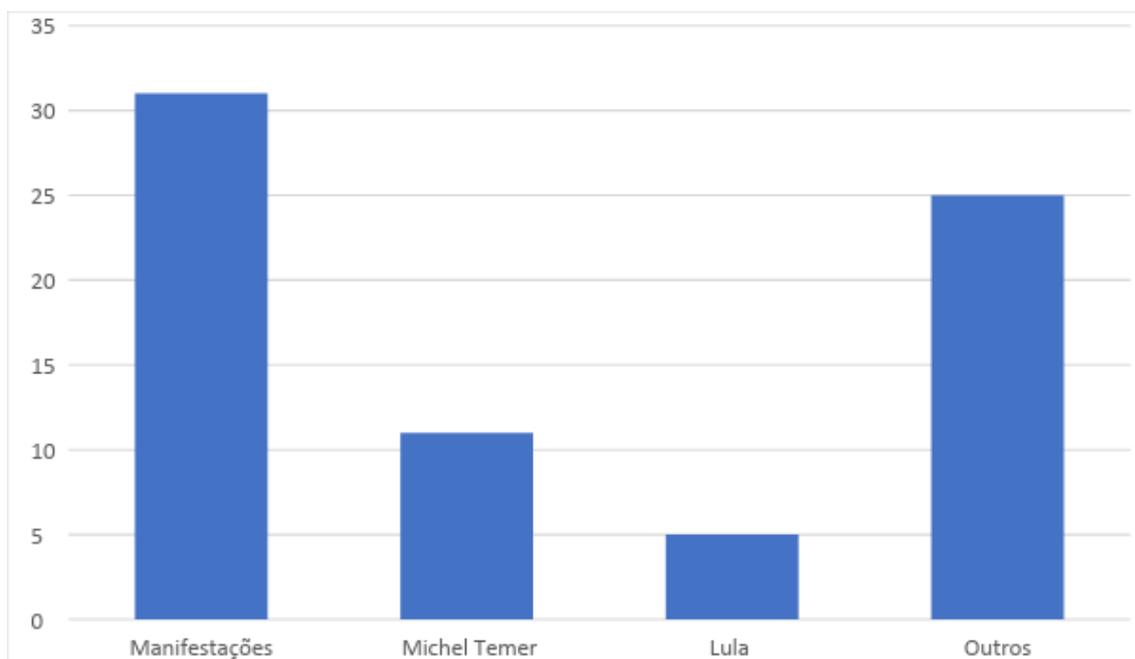
Tabela 1 – Resultados finais da semana estruturada. Foram analisados os dias 06/11, 31/10, 25/10, 19/10, 13/10 e 07/10.

	POSTS	CURTIDAS	COMENTÁRIOS	ENCONTROS
Segunda	13	15.111	110	6
Terça	22	47.684	1.714	12
Quarta	17	46.124	1.052	12
Quinta	13	27.092	465	13

Sexta	5	3.647	49	3
Sábado	3	2.139	39	1
Total	73	80.826	3.426	44

Como já era de se esperar, as publicações que levantam temas polêmicos como a volta do ex-presidente Lula em 2018, a reprovação de o presidente Michel Temer e manifestações na rua movimentam a página com inúmeros comentários e muitos likes de aprovação ou reprovação nem sempre vindos de seguidores da página. Esses temas são considerados polêmicos e apesar de não termos analisado o posicionamento político da página, é visível as opiniões ali difundidas. Negros são ressaltados assim como mulheres, a liberdade de expressão (contra à censura), indígenas e quaisquer pessoas que tenham direitos que são garantidos pelo governo, negados.

Gráfico 1 – As manifestações aparecem em disparado e foram contabilizados protestos contra censura, protestos do MST, protestos de indígenas e quilombolas dentre outros.



#### 4. Considerações finais

A nova geração de alternativos é composta principalmente por manifestações ligadas ao ciberespaço, que não aceitam e tentam combater os grandes meios de comunicação. Ainda que não se constitua um bloco unificado e fortalecido, esta imprensa é responsável diretamente pelo conteúdo voltado às minorias e a aqueles que vivem as margens da sociedade. Apesar de muitos movimentos aparecerem de forma efêmera a fim de buscar registros midiáticos, os alternativos continuam ligados diretamente aos meios sociais contemporâneos. A partir da coleta de dados pode perceber-se que os meios alternativos exploram pautas diferentes das dos meios convencionais. O gênero opinativo é o mais utilizado e faz com que a escolha pessoal do veículo, no caso, o mídia ninja, seja o principal gatekeeper.

De igual maneira, este movimento mesmo que minoritário fortaleceu uma nova proposta de luta na atualidade onde os excluídos podem finalmente se expressar.

Poderíamos dizer que tais movimentos reúnem, com frequência, elementos da política emancipatória, em sua luta por minimizar ou eliminar a exploração e a desigualdade, e da política-vida, na busca de afirmar a liberdade de escolha de um estilo de vida (GIDDENS, 2002, apud BARBALHO, 2005, p. 4).

O grito calado dessas pessoas, suas interações e expressões não é nada além do direito à comunicação e à informação sendo exercido. Por fim, façamos as palavras de Paiva (2005), as nossas “para descolar dos estados de violência generalizada, se exija mais do que muitos bons e eficazes projetos e acuradíssimas análises. Talvez exija vontade e reivindique presença concreta de indivíduos”.

#### Referências bibliográficas

BARBALHO, Alexandre. Minorias, Biopolítica e Mídia. In: **XXVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 2004. Anais. Porto Alegre, RS: Núcleo Comunicação e Cultura das Minorias, 2004.

BENTES, Ivana. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Meridional, 2013. 3 p.

BOSSATO, Kamila. Multimodais, mas nem tanto: um retrato do uso de ferramentas digitais por grupos de jornalismo alternativos brasileiros. **Revista Alterjor**, São Paulo, ano 8, vol. 2, edição 16, jul/dez 2017.

DOWLING, D. H. John. **Mídia Radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Ilumituras: Itaú Cultural, 2008.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa**. São Paulo: Página Aberta, 1992.

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. **A internet e a rua: ciberativismo e mobilização nas redes sociais**. Porto Alegre: Meridional, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Textos**. Campinas: Navegando Publicações, 2011.

MORAES, Dênis De. Comunicação, Hegemonia e Contra-hegemonia: A contribuição teórica de Gramsci. **Revista Debates**, Porto Alegre, v.4, n.1, p. 54-77, jan.-jun. 2010.

PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre. **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, 2005.

PAIVA, Raquel. Minorias Flutuantes – Novos Aspectos da Contra hegemonia. In: **XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO**, 2001. Anais. Campo Grande, MT: Intercom, 2001.

PARENTE, Renata Escarião. Do Midialivrisimo de massa ao midialivrisimo ciberativista: uma reflexão sobre as perspectivas de comunicação alternativa no Brasil. In: **ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ**, 13., 2014, Pará: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2014.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é contracultura**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 17, 2009.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SANTOS, Pedro Lucas. Imprensa Alternativa, discutindo o conceito. **Revista Alterjor**, São Paulo, ano 4, vol. 1, edição 7, jan/jun de 2013.

STRELOW, Aline do Amaral Garcia. **Jornalismo alternativo no Rio Grande do Sul**. Rio Grande do Sul

SODRÉ, Muniz. Por um conceito de minoria. In: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (orgs.). **Comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus. 2005.